

Nº 33 — ABRIL — 5º ANO

50 CENT.

O TRABALHADOR

MENSUEL DE LA C.G.T. POUR LES TRAVAILLEURS PORTUGAIS



MAIO

Uniao dos trabalhadores

VIVA O 1º DE MAIO

LIVIO MASCARELLO
Secretário da C.G.T.

DECIDIDO em 1884, pelos sindicatos americanos, a data do 1º de Maio de 1886, marca o começo de uma tradição, que faz deste dia, uma manifestação de união de acção e de solidariedade internacional.

A sua profunda significação não escapou ao patronato nem à burguesia. Desde o dia da primeira manifestação que se desenrolou em Chicago, em passando pelo massacre de Fourmies em 1891; assim como, para todos aqueles que, viram no decorrer dos anos, os trabalhadores sindicalizados ou não, descerem na rua. O 1º de Maio foi sentido pelos dirigentes capitalistas, como a expressão da vontade da classe obreira, para além das fronteiras, raças e nacionalidades, de pôr termo à exploração do homem pelo homem.

A repressão feroz e sangranta que por vezes se fez sentir, não abalou em nada, no desfilar das gerações, antes pelo contrario, o espirito de classe que anima os trabalhadores, contra os seus exploradores.

ELA forjou os laços de solidariedade e de fraternidade que unem os trabalhadores de diversas nacionalidades: aqueles dos países socialistas que medem o caminho já percorrido, sobrepondo as dificuldades e construindo a ova sociedade, e aqueles da Espanha, de Portugal e da Grécia que lutam contra o fascismo e pela liberdade, ou ainda, aqueles que em Angola, Guiné e Moçambique, combatem pela sua independência.

Neste 1º de Maio de 1971, os trabalhadores de todos os países elevam o seu pensamento para os seus irmãos da Indochina (Vietnam, Laos, Camboja), que infligem ao imperialismo americano agressor, as mais cruciais derrotas, exprimindo-lhes assim, a sua simpatia e solidariedade.

EM França, o 1º de Maio será a expressão da profunda determinação dos trabalhadores do nosso país, quer eles sejam nacionais ou imigrados, de lutar contra a politica anti social do governo e do patronato, e pela completa satisfação das reivindicações da classe obreira.

Esta jornada de solidariedade e de amizade internacional será aproveitada para pôr em relêvo os sentimentos racistas exprimidos pela reacção, para a consolidação da solidariedade de combate de todos aqueles ou aquelas, sejam franceses ou imigrados, que são vitimas da exploração capitalista.

O aperto de mão do trabalhador francês, ao seu camarada italiano, espanhol, português, greco, iugoeslavo, algerino, marroquino, maliano ou senegalez, será neste dia mais forte ainda, que habitualmente, pois que, para além das palavras que por vezes se tem dificuldade em encontrar, ele significa claramente: « Nós compreendemo-nos, nós, somos irmãos de classe ».

Em unissono com a C.G.T., dentro das empresas, em todos os lados e para todos, este 1º de Maio marcará, como diz a canção de Gaston Couté « O Tempo das Cerejas », que:

« Depois do rigoroso inverno, segue-se a e primavera. »

BOLETIM DE ADESÃO

Nome Idade

Apelido

Endereço

Profissão

Empresa onde trabalha

Localidade Departamento

A enviar ou a entregar ao delegado sindical C.G.T. ne sua empresa ou à : C.G.T., 213, rue Lafayette, Paris 10º.

**A C.G.T.
em toda
a parte
e para
todos**

A ACÇÃO RESULTA SEMPRE

Abertura de quatro classes de escola no Porto de Gennevilliers. A acção desenvolvida pela Comissão de Defesa das escolas Departamentais do Porto, junto dos poderes públicos, não foi sem resultado; no fim do ultimo ano a Prefeitura deva enfim o seu acordo para a construção de quatro classes na escola Departamental das Cités de Transit do Porto, necessárias ao ensino dos filhos dos imigrados.

No dia 15 de Janeiro ultimo a construção das quatro classes estava terminada. No dia 15 de Fevereiro tres de entre elas foram inauguradas, a ultima inaugurou-se no dia 13 de Fevereiro.

90 ADESÕES A C.G.T. PRÉFONTAINES, EM GENNEVILLIERS

Empresa Préfontaines, em Gennevilliers : 10 % de aumento.

Em seguida à paragem de trabalho de quarta feira 26 de Fevereiro, o pessoal da empresa D.S.M. (vinho Préfontaines, antigamente Dubonnet) numa grande parte algerinos, obtiveram 10 % de aumento para 1971 e o indice de gratificação de férias anuais e de fim de ano, baseado sobre a progressão dos salários. Este resultado alcançado, não haverá mais na empresa, salários inferiores à 1.000 francos mensais em 1971. Realizaram-se 90 adesões a C.G.T.

NAS INDUSTRIAS QUIMICAS

Air Liquide - 35 dos 80 centros deste grande cartel, estiveram em greve depois de 28 de Fevereiro ultimo.

Os 2.000 operarios, entre os quais numerosos algerinos, beneficiam do acordo concluido no dia 12 de Marco, entre a direcção e as organizações sindicais. Este acordo traduz-se por um aumento de 4 % no 1º de Janeiro de 1971 e 2 % no 1º de Setembro deste ano, assim com, a inclusão de uma clausula de salvaguarda que garante o reajustamento de salários, se, a subida do custo da vida ultrapassa 4 %.

Grèves e paragens momentaneas, se multiplicaram depois de várias semanas nas 24 fabricas de Air Liquide, (2º grupo mundial productor de gaz industrial), prejudicando porconsequente, o regular abastecimento das empresas que utilizam este produto.

REFORMAS E PENSOES

Como acontece todos os anos nesta epoca, as reformas e pensões dependendo do regimen da Segurança Social, vêm de ser aumentadas.

Este aumento, que teve inicio no 1º de Abril, é do montante de 10,1 %.

Calculado sobre as mesmas formas em vigor depois de 1965, este aumento deveria ser de 10,5 %. Verdade seja, que apesar deste aumento, o atraso das pensões é cada vez mais profundo de ano para ano, o que provoca o interesse demonstrado pela C.G.T. e C.F.D.T., sobre a melhoria da legislação velhice.

E que vós sabeis, que a média da reforma paga pela Segurança Social, não ultrapassa 400 francos mensais ?

Materiais de construção Construção Civil

10 % de aumento na empresa Aubry-Bachot, em Livry-Gargan.

Depois de 24 de Fevereiro último e após 15 dias de greve, os trabalhadores, algerinos em grande numero, obtiveram 10 % de aumento de salário para todo o pessoal, e mensalidade a partir do 1º de Abril de 1971, o pagamento da diferença do bonus de repasto, desde Junho de 1970 a Janeiro de 1971 e aumento de salário no decorrer do ano de 1971, cujo índice será definido no dia 15 de Maio. Nesta pedreira, onde a extração se faz a um ritmo acelerado, os salários são tão baixos, que constitui um escândalo. O director desta empresa é Conselheiro Geral U.D.R., Deputado e Governador civil de Gagny, mas apesar da sua posição, ele não deixa de faltar à sua palavra sobre as reivindicações do seu pessoal. Faltava sómente a gota de agua que faz transbordar o copo, durante os 15 dias de luta unida, foram as municipalidades obreiras de Montfermeil e Clichy-sur-Bois, que asseguraram os repastos dos grévistas, e bem assim, a solidariedade dos habitantes das comunas limítrofes, que juntamente com os 3.450 francos recolhidos na subscrição organizada nas fabricas da região, permitiu de os manter moral e fisicamente, enquanto que, o patrão, Governador Civil de Gagny, recusou-se de secorrer os grévistas da sua comuna.

Em Ivry

96 % dos trabalhadores da S.P.A.B.A. ganham mais de 1.000 francos por mês.

Os trabalhadores da S.P.A.B.A., fabrica de Ivry, obtiveram 20 centimos horários de aumento, a partir do 1º de Abril, mais o reajustamento do salário de qualificação e antiguidade.

Sómente 10 % dos trabalhadores desta empresa, recebem actualmente menos de 1.000 francos por 40 horas semanais. O reembolso dos dias perdidos por motivos de doença — previsto pelo acordo de 31 de Junho de 1970 — será pago directamente pela empresa.

Chausson, em Asnières e Gennevilliers

O 13º mês remunerado e 7 % de aumento : Após três semanas de luta, os trabalhadores, imigrados em grande numero, da firma Chausson em Asnières e Gennevilliers, obtiveram 7 % de aumento, redução de meia hora de horário de trabalho, o décimo terceiro mês pago, e a continuação das discussões para a fixação de uma nova graduação de salários.

o TRABALHADOR — N.º 33

HA CEM ANOS : A COMUNA DE PARIS

Do 18 de Março ao 28 de Maio de 1871 : durante 72 dias os operários e artífices parisienses, foram os governantes.

Após o golpe de estado de 1848, a França cai durante 18 anos sob o jugo de um regimen autoritário, Napoleónico, que conduziu o país à ruina economica e à humilhação nacional.

O proletariado parisiense insurge-se contra o velho mundo, e assume a direcção dos negocios do país, o que constituiu um acontecimento historico sem precedente. Até então, o poder encontrava-se entre as mãos dos grandes proprietários terrestres e dos capitalistas. Mas, após o 18 de Março de 1871, logo que, o governo de Thiers foge de Paris é senhor da situação, a sua policia e os seus funcionarios ; o povo é senhor da situação, e por conseguinte, o poder passa ás mãos do proletariado.

Apesar da sua breve existência, a Comuna conseguiu tomar quaisquer iniciativas, que, demonstra o seu caracter de governo operário e popular :

— ela substitui o exercito de carreira, instrumento de repressão ao serviço das classes dominantes, pelo povo armado ;

— ela proclama a separação da igreja, do estado ;

— dá à instrução pública um caracter laico, obrigatório e gratuito.

No dominio social, a Comuna não teve tempo para fazer grande coisa, todavia :

— ela proíbe o trabalho nocturno, nas padarias ;

— o sistema de multas patronais, foi abolido ;

— ela promulga um decreto, em virtude do qual, as fabricas e oficinas abandonadas ou immobilizadas pelos seus proprietários, são reunidas em associações operárias, a fim de retomarem a produção, etc...

Todas estas medidas mostram claramente qua a Comuna se apresentava como um perigo mortal para o velho mundo, fundado sobre a exploração. Toda a burguesia, todos os que jogavam na bolsa, todos os fabricantes, todos os gatunos, grandes e pequenos ; assim como, todos os exploradores ; se uniram contra a Comuna.

E finalmente, quando as forças governamentais de Thiers conseguiram vencer as forças mal organizadas dos parisienses em armas, a burguesia cometeu tais massacres, como jamais Paris conheceu.

30.000 parisienses foram massacrados
45.000 foram presos, e muitos de entre eles executados, milhares foram deportados ou enviados a trabalhos forçados. No total, Paris perdeu 100.000 dos seus melhores filhos, entre

os quais, os melhores operários de todas as profissões.

A burguesia jubilou, « a classe operaria findou » dizia ela. Mas ela jubilava sem razão.

Seis anos após o esmagamento da Comuna, em França, o movimento operário renascia enriquecido pela experiência da Comuna de Paris. Os operários e camponeses Russos inspiraram-se nela, e, instauraram no seu país o primeiro estado socialista do mundo.

Nesta importante batalha historica, os trabalhadores imigrados compartilharam as esperanças, as lutas e as decepções da Comuna de Paris.

Quando esta questão era apresentada : « Os estrangeiros podem ser admitidos na Comuna ? » Ela respondia : « Considerando que a bandeira da Comuna é aquela da Republica Universal, ela considera que toda a cidade tem o direito de dar o titulo de cidadão, aos estrangeiros que a servem ».

Assim, entre os seus dirigentes, foi o húngaro Frankelló que foi nomeado como responsável do trabalho. Os polacos Dourbrowski e Wolleski, encontravam-se entre os mais aptos chefes militares da Comuna.

Amilcare Cipriani, companheiro de armas de Garibaldi, assume a organização da luta armada. Garibaldi em pessoa, recusa por motivos de saude, a oferta que lhe foi feita, de participar à direcção da Comuna.

Dentro de um espirito de internacionalismo, o primeiro governo operário do mundo, aboliu a desigualdade racial e préga a união dos trabalhadores.

Ao inverso, foi às forças alemãs de Bismark que Thiers faz apelo, a fim de esmagar o povo de Paris revoltado. Gallifet chefe militar burguês, encarregado de conduzir 2.580 partidários da Comuna, faz alto em certa altura, e dirigindo-se a eles diz-lhes « Senhores, quaiquer de entre vós podem talvez serem recomendados das delegações estrangeiras ? » « Em caso afirmativo eu peço-vos de sair das fileiras ». Os estrangeiros, seduzidos por tal prova de delicadeza que lhes agorava a liberdade, cairam das fileiras. Acto continuo ele mandou-os fuzilar, em lhes dizendo : Isto é para aprenderem a vos ocupar dos vossos negocios.

Há 100 anos sómente, um povo, os povos enamorados da liberdade, voltaram uma gloriosa pagina da historia. Quanto caminho percorrido depois pelas forças de progresso de todo o mundo, a sua ascensão a caminho da justiça, da liberdade, da fraternidade.

Isto prova que os partidários da Comuna tinham razão, a Comuna não morreu.

Este exemplo por si só, demonstra que a organização e a luta unida, são os meios mais eficaz para se obter as legítimas reivindicações dos trabalhadores.

Novo acidente mortal

Quinta feira 18 de Fevereiro de 1971, em Marly-le-Roi : tres trabalhadores encontraram a morte no fundo de uma estufa onde efectuavam a pintura de

uma parede interior, quando foram surpreendidos por uma explosão seguida de incêndio, matando por asfixia três trabalhadores, entre eles, um algerino Dheri Mebarek, 39 anos de idade, casado, pai de quatro crianças e domiciliado em Clichy.

Dusquene Purina 8 % de aumento

Depois de quatro dias de greve,

os trabalhadores da firma Dusquene Purina, obtiveram um aumento de 8 %.

Por toda a parte, ou por outra, na D.M.S. (vinho) nas fabricas France Glace, de Bobigny, Nanterre e Beauvais, na firma Jaquet (região parisiense) numerosos movimentos de greve tiveram lugar, a fim, de se alcançarem aumentos de salário e melhores condições de trabalho.

Qual é o motivo do descontentamento dos trabalhadores

Desde o princípio do ano, o descontentamento dos trabalhadores tem tomado uma amplitude cada vez maior. Ao mesmo tempo que se desenvolve a luta, tanto no sector privado, como da função pública.

Depois das lutas de Faulquemont e Batignolles, surgiu a greve dos pilotos da aviação que tanto deu que falar. Depois, foram os estivadores, os funcionários, técnicos da televisão francesa, os professores, os científicos, os camponeses, os estudantes que por sua vez, manifestaram o seu descontentamento.

Na Construção Civil, muitas têm sido as acções levadas a cabo nas obras e uma greve de 24 horas, está prevista em toda a região parisiense. Por outro lado, acções semelhantes, estão igualmente previstas nos ramos da alimentação, metalurgia, etc.

O facto de fazer greve, não é para os trabalhadores um prazer, mas ao contrário, se eles recorrem à greve, é porque são forçados face à agravação das suas condições de vida e de trabalho, impostas pelo patronato e o governo.

Efectivamente, as condições de vida e de trabalho, tornam-se cada vez mais insuportáveis, a subida dos preços, tem sido escandalosamente acelerada nestes primeiros meses do ano e em consequência, o nível de vida dos trabalhadores reduzido.

Os salários, são de longe insuficientes: cinco milhões de trabalhadores, ganham menos de 1.000 F por mês e os trabalhadores imigrados, encontram-se entre os mais desfavorecidos.

O ritmo de trabalho, é cada vez mais acelerado o que trás como resultado, um aumento da fadiga provocando assim, numerosos acidentes. Além disso, as dificuldades de transporte, agravam ainda mais o cansaço dos trabalhadores.

As condições de habitação, agravam-se de dia para dia, apesar das lindas promessas do governo e em particular, no que diz respeito aos trabalhadores imigrados.

A situação do emprego, torna-se cada vez mais alarmante. Entretanto, as jornadas de trabalho, continuam a ser demasiado longas, tal como a idade para a reforma.

Mas entretanto, em vez de aceitar a abertura de discussões sobre as reivindicações reclamadas pelas organizações sindicais, o governo e o patronato, preferem endurecer a sua posição, ao mesmo tempo que continuam a prometer-nos a lua.

Esta situação, desenvolve cada vez mais o descontentamento das mais diversas camadas laboriosas da população, levando assim à organização da luta que com frequência, dá os seus frutos.

O governo, consciente deste descontentamento real e do progresso da união, está inquieto, reforça o seu carácter autoritário e multiplica as suas declarações demagógicas para tentar enganar os trabalhadores.

Ao mesmo tempo, os patrões, multiplicam as sancões contra os trabalhadores, ensinam temporariamente as fábricas como meio de pressão e despedem os militantes sindicais.

Por consequência, o governo e patronato, são inteiramente responsáveis da agravação da tensão social.

As lutas operárias, dizem respeito a todos os trabalhadores da França, entre os quais se encontram os trabalhadores imigrados. E como é natural, todos os trabalhadores apreciam o acordo em cinco pontos realizado entre a C.G.T. e a C.F.D.T. que tem contribuído para o desenvolvimento da unidade de acção e permitido obter resultados apreciáveis, nomeadamente em matéria de salários e mensalização.

Os trabalhadores imigrados, como todos os trabalhadores, estão interessados nas duas campanhas nacionais que acabam de ser lançadas pela C.G.T. e a C.F.D.T., uma pela defesa das liberdades sindicais, reintegração dos militantes despedidos, conquista de novos direitos, como por exemplo: uma hora paga por mês durante o tempo de trabalho para a informação sindical dos trabalhadores; e a outra pela redução da idade da reforma e a revalorização das pensões.

Os trabalhadores portugueses, têm todas as razões para se sentirem interessados nesta luta. Não é apenas um direito, mas é igualmente de seu interesse, lutar lado a lado com os seus irmãos de classe contra a vergonhosa exploração de que são vítimas e continuar no seio da C.G.T., a luta pela igualdade dos direitos entre trabalhadores franceses e imigrados.

Além disso, todos nós sabemos que sob o regime capitalista, não é possível obter satisfação alguma, nem conservar as conquistas alcançadas, sem a luta unida de todos os trabalhadores.

Um importante meeting em Lyon com a presença de M. CAILLE secretario da CGT

No quadro da campanha Confederal pela obtenção de um Estatuto Democrático e Social do trabalhador imigrado, teve lugar no dia 3 de abril em Lyon, um meeting que agrupou trabalhadores franceses e imigrados.

No decorrer deste meeting, Marcel Caille, secretário da C.G.T., denunciou vigorosamente a política governamental em matéria de emigração. Face à situação criada por esta política e ao descontentamento que se desenvolve diariamente e se ampara das mais diversas categorias profissionais, o nosso camarada abordou a necessidade de deforçar a C.G.T. o papel que os trabalhadores imigrados devem desenvolver no seu seio, assim como a aplicação da democracia sindical.

Face à situação com frequência dramática dos trabalhadores imigrados, quais são as medidas tomadas pelo governo no sentido de resolver o problema? Não há dúvida, promessas não faltam. Ainda no dia 12 de Fevereiro de 1970, durante a sua demagógica visita ao bairro da lata de Aubervilliers, o Primeiro Ministro, declarou que o governo ia por fim, debrusar-se sobre o problema. No dia 21 de Maio do mesmo ano, ao receber uma delegação do Bureau Confederal da C.G.T., a mesma pessoa, tornava a fazer mesma promessa...

Até à data, não foi tomada medida alguma no sentido de criar um sistema de recepção decente, capaz de receber e proteger os milhões de homens, mulheres e crianças vindos doutros países para viver e trabalhar em França. Sistema que é absolutamente indispensável e que deve ser posto em prática a partir dos países exportadores de emigração até à instalação destes trabalhadores no nosso país a fim de evitar o escândalo que é o abandono destes trabalhadores, que na sua maioria, saem dos seus países sem garantia alguma, tanto no que diz respeito ao emprego como ao alojamento. Entrados em França sem conhecer nada, sem saber onde dirigir-se, transformam-se em pre-

sa fácil dos traficantes do trabalho e da habitação.

Para resolver este problema, seria necessário desenvolver consideravelmente, organismos como o Office National d'Immigration que actualmente está reduzido a pouco mais do que a simples expressão da palavra. Seria igualmente necessário no seio deste organismo, a presença de representantes sindicais, assim como o alargamento do organismo a todos os sítios onde desembarcam os trabalhadores imigrados.

Entretanto, tanto o governo como o patronato, não tomaram medida alguma à altura do dramático problema do alojamento para os trabalhadores imigrados. E certo que não tem faltado publicidade em torno da morte dramática de vários trabalhadores imigrados em Aubervilliers no 1º de ano de 1970, sobre a atribuição de fundos. Mas estes são de tal maneira insuficientes, num momento em que a emigração não cessa de engrandecer, que o número de mal alojados, é cada vez maior na região parisiense.

Na região do Rhône, o governo glorieia-se de ter dispersado os bairros de lata. Mas a verdade, é que esta aparente solução não

resolveu problema algum, mas ao contrário, a situação tem-se a agravado de tal maneira que os trabalhadores são forçados a viverem em condições ainda mais precárias.

Não se passa praticamente uma semana sem que novos nomes venham juntar-se à longa lista das vítimas das más condições de habitação: ainda recentemente, um Português foi carbonizada durante um incêndio, três irmãos portugueses asfixiados, mais três mulheres e uma menina igualmente asfixiados. Esta é a atroz realidade da França actual.

Por outro lado, nada é feito no sentido assegurar a estes trabalhadores, os mesmos direitos sindicais dos quais gosam o resto da classe operária francesa; para lhes atribuir as liberdades individuais às quais eles têm direito e para impedir a acção daqueles que se dedicam à divulgação de campanhas racistas. A alfabetização e a formação profissional, são de longe insuficientes. Esta é a verdadeira situação, cujas graves responsabilidades incumbem ao governo, assim como ao patronato que em geral pretende que este problema não lhe concerne ao mesmo tempo que ameaça enormes fortunas



à custa do esforço dos trabalhadores imigrados, visto as discriminações das quais estes últimos são objecto.

É necessário instaurar uma verdadeira política de emigração a fim de fazer face a estes problemas, incluindo o problema do emprego e dos direitos sociais e individuais etc, para isso, é indispensável a criação duma comissão nacional tripartita (governo, sindicatos e patronato), reformar o Fundo de Acção Social com a participação dos sindicatos, votar um Estatuto do «trabalhador imigrado», enfim, uma revisão de todos os acordos internacionais, é necessária.

Não há desculpa possível para o governo, no que diz respeito à ausência de projectos sérios no sentido de resolver estes problemas.

Mas a C.G.T. por sua parte, elaborou desde há muito, um projecto capaz de dar solução a todos estes problemas e fez-o chegar imediatamente às mãos do governo.

Face a esta situação, a C.G.T. faz um apelo a todos os trabalhadores para o desenvolvimento da acção unida, único meio para obter satisfação a estas reivindicações. A campanha de assinaturas lançada pela C.G.T. neste sentido, é uma nova etapa. Mas ela pensa ir mais longe: meetings e agrupamentos multiplicam-se por toda a parte. A C.G.T. pede a todas as suas organizações para intensificarem os seus esforços pela obtenção duma verdadeira igualdade de direitos e pela defesa dos interesses comuns de todos os trabalhadores.

Lutas e vitórias na indústria da borracha

Em numerosas fabricas, a acção desenvolveu-se consideravelmente nestes últimos meses.

Primeiros resultados obtidos: 3% na firma Dunlop Hutchinson e diminuição de 3/4 de hora de horário de trabalho.

3% na firma Hutchinson — 3% na Mapa-Fitt no 1º de Fevereiro de 1971 e um aumento mínimo de 15 centimos por hora.

Na firma Good Year, em Amiens, mais 3 1/2%, o que prefaz 11 1/2% de aumento depois do começo do ano.

Na firma Bergougnan, aumento de 0,58 F a 1,24 F, mais o 13º mês e o pagamento dos transportes.

PIRELLI EM SAINT-DENIS

Em seguida à assembleia geral do pessoal, tida no dia 23 de Março, 26 trabalhadores algerinos, sobre o total de 31 obreiros, aderiram à C.G.T.

Formou-se também uma secção sindical, a qual, concluiu um acordo com a direcção sobre a realização das eleições para delegados do pessoal.

KLEBER COLOMBES, EM COLOMBES

Após a greve victoriosa, e depois de quaisquer semanas, os obreiros da mistura « mélanges » são submetidos a uma pressão que se assemelha muito, como uma intenção de vingança, pois que, a Direcção Kléber Colombes pretende suprimir as permissões aos trabalhadores marroquinos. Segundo as últimas declarações, somente de ora avante será autorizado a acumulação das férias, esta atitude cria

um grande descontentamento e inquietação, entre os trabalhadores da Africa do Norte.

A C.G.T., propôs iniciativas em comun com as outras organizações sindicais, a fim de exigir a garantia de emprego e de recursos, o restabelecimento das permissões, e de uma maneira geral, a completa satisfação do conjunto das reivindicações.

O sindicato C.G.T. pede aos trabalhadores de serem vigilantes, a fim, de que a situação actual não sirva a um ajuste de contas.

DEPOIS de ter evocado a responsabilidade do patronato e do governo no que concerne a situação dos trabalhadores em geral e dos trabalhadores imigrados em particular; Marcel Caille abordou as responsabilidades que os trabalhadores imigrados podem e devem assumir através de todas as organizações da C.G.T.

Marcel Caille, lembrava ao mesmo tempo, que na C.G.T., todos os trabalhadores sem distinção de nacionalidade, são considerados da mesma maneira e que todos gosam duma verdadeira igualdade de direitos e que a C.G.T. continuará a esforçar-se neste sentido. Marcel Caille insistiu igualmente sobre o esforço feito pela Confederação ao editar cinco jornais em lingua estrangeira, anunciando que um sexto jornal em lingua turca, está pronto a sair para a rua e perseguido ainda:

...a C.G.T. lançou uma grande campanha, a qual acaba de receber um novo impulso com o discurso pronunciado em Grenoble na altura do Congresso da Federação da Metalurgia, pelo Secretário Geral da C.G.T., a fim de desenvolver a totalidade das suas forças.

Eis o motivo pelo qual esta campanha tem igualmente interesse para os trabalhadores imigrados! mas primeiramente, vejamos qual a razão de ser desta campanha!

Tudo leva a pensar que o desenvolvimento acção, desembocará brevemente numa luta de grande envergadura pela satisfação das reivindicações no seio das empresas dos mais diversos ramos industriais, assim como das reivindicações comuns a todos os trabalhadores.

Entretanto, está-se desenvolvendo dia a dia a acção das diferentes camadas sociais e populares, pela instauração duma nova democracia e o socialismo O desenvolvimento da união das forças democráticas de esquerda durante as últimas eleições municipais demonstrou claramente esta orientação.

Mas não há dúvida de que em face a esta perspectiva, o patronato e o governo não ficam de braços cruzados. Os seus esforços para criar ilusões entre os trabalhadores imigrados e para separalos dos trabalhadores franceses, são uma ilustração clara.

Mas apesar de tudo, nota-se actualmente uma forte tendência à acção reivindicativa e por um futuro democrático do país.

Mas para esse fim, é necessário que a C.G.T. que vem desde muito reforçando-se, se reforce ainda mais.

Quando construimos uma casa, necessitamos um andamio apropriado, mas se construimos uma fábrica imensa, esse andamio é incomparavelmente maior, mais complicado e os meios utilizados, muito mais importantes.

Pois o caso presente, é que nós queremos desenvolver um movimento de massas cada vez maior e com objectivos cada vez mais elevados, e para atingir esses ob-

jectivos é necessário uma grande organização levada a cabo com a ajuda dos trabalhadores que hoje mais do que nunca, estão dispostos a tomar essa tarefa em suas mãos. É este o motivo pelo qual, por um lado nós desejamos que um número cada vez maior de trabalhadores se integre nas fileiras da C.G.T., mas por outro lado, nós fazemos tudo para que os nossos aderentes participem verdadeiramente e duma forma democratica, na vida sindical, o que aparece como um meio essencial para levar a cabo esta importante tarefa.

Tudo isto é válido para os trabalhadores imigrados a quem nós fazemos um apelo para que venham em massa, juntar-se às fileiras da C.G.T., onde poderão agir com todos os direitos de um sindicalizado.

É por estas razões que nós pedimos aos nossos camaradas franceses para que as portas da C.G.T. sejam cada vez mais largamente abertas aos trabalhadores imigrados e para se esforçarem por todos os meios para que estes últimos participem inteiramente na vida sindical, nomeadamente, através da organização de Grupos de Língua e Comissões e participando igualmente nas direcções sindicais.

Como é fácil compreender, na medida em que um trabalhador imigrado participa nos trabalhos duma direcção sindical, não há dúvida de que para a citada direcção, isto constitui uma preciosa ajuda pela defesa e recrutamento dos trabalhadores imigrados. Por outro lado, organizados em grupos de lingua, os trabalhadores das diferentes nacionalidades, poderão mais facilmente integrar-se na vida sindical, desenvolver a democracia sindical e defender os seus interesses, o que incitá-los a outros trabalhadores imigrados a aderir à C.G.T.

Queridos camaradas, são estes os principais pontos que nós queríamos tratar hoje aqui convosco.

Queridos camaradas imigrados, sabeis que a C.G.T. compreende perfeitamente os vossos problemas e que essa é uma das suas maiores preocupações.

ABONOS DE FAMILIA

A Convenção franco-portuguesa de Segurança Social, reconhece aos trabalhadores portugueses que trabalham em França e cujas famílias residem em Portugal, certos direitos entre os quais, os abonos de famílias.

Até agora, estes direitos têm sido reconhecidos apenas por um período de seis anos a partir da data de entrada em França do trabalhador. Esta injustiça, pesa gravemente sobre numerosos trabalhadores portugueses.

Por um lado, o montante dos abonos de família atribuídos às famílias que residem em Portugal, é de longe inferior ao que se paga em França. No caso dum família de quatro filhos, a diferença anual, atinge 5.000 F. Esta é mais uma das grandes discriminações de que são vítimas os trabalhadores portugueses, cuja responsabilidade incombe inteiramente aos go-

vernos francês e português.

Ainda no dia 21 de Maio de 1970, foi entregue ao Primeiro Ministro, por uma delegação da C.G.T., um memorial reclamando em particular, que a atribuição dos abonos de família seja concedida sem limite de tempo e com a mesma tarifa que é atribuída aos trabalhadores franceses, para as famílias que residem nos países de origem.

Até hoje, o governo francês, não deu resposta alguma as reivindicações apresentadas pela C.G.T.

A aplicação da igualdade para todos os trabalhadores, em matéria de direitos sociais, seria apenas uma medida de justiça elementar. Com a participação dos trabalhadores portugueses e de outras nacionalidades, assim como dos trabalhadores franceses, a C.G.T. poderá obter a satisfação destas justas reivindicações.

CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PUBLICAS 21 DE ABRIL UMA ETAPE IMPORTANTE POR UM CONTRATO COLLECTIVO NACIONAL

No dia 21 de Abril, centenas de milhares de trabalhadores da Construção, ao apelo das Federações C.G.T., C.F.D.T. e F.O., exprimiram com determinação a sua vontade de que sejam solucionadas as suas reivindicações essenciais.

Este poderoso movimento, reflete o profundo descontentamento que reina entre os trabalhadores da Construção.

As razões deste descontentamento, têm raízes comuns às das outras indústrias, como por exemplo: agravação do custo de ida e das condições de trabalho. Entretanto, elas toman uma dimensão diferente pelo facto da situação que reina no seio da indústria.

Há dezenas de anos que os salários garantidos são do mais baixo nível, a duração da semana de trabalho, demasiado longa e agrava-se cada vez mais pelas más condições dos transportes que diariamente nos conduzem ao trabalho. Tudo isto faz com os trabalhadores envelheçam prematuradamente em comparação da idade da reforma; a saúde e a seguridade dos trabalhadores, estão constantemente em perigo; não existe garantia alguma com respeito ao emprego; os atentados contra os direitos sindicais, já de si insuficientes, multiplicam-se.

É certo que é a massa dos trabalhadores que são vítimas

ALOJAMENTOS

Além dos salários, direitos sociais e muitos outros problemas que preocupam duramente os trabalhadores imigrados, o problema do alojamento, é uma constante preocupação dos nossos sindicatos. que através da luta, têm obtido certos resultados que se bem é verdade que não resolvem o problema, são pelo menos uma demonstração de que existem possibilidades para arrancar novos sucessos.

Por exemplo, os camaradas do sindicato RENAULT de Cléon da (Seine-Maritime), após terem

intervido junto dos eleitos do departamento (Deputados, Senadores, Conselheiros Gerais e Préfets), foilhes garantida a atribuição de 20 alojamentos para os trabalhadores imigrados e que será previsto um programa de 200 alojamentos deste tipo.

Os nossos sindicatos, exigem igualmente através da acção junto da Direcção, a construção dum albergue foyer) em Saint-Etienne du Rouveray.

TAMBEM EM MATERIA DE ALOJAMENTO, A ACÇÃO DA OS SEUS FRUTOS !

MAIS UM NOVO DRAMA DA IMIGRAÇÃO

Velada trágica em Leão : a pequenita Malika (tres anos, queimada viva no incêndio de um abarracamento).

Uma menina de três anos, Malika Cheikh, faleceu no passado dia 6 de Março vítima do incêndio que se declarou na unica peça de habitação onde vive a sua família ; situada na Av. Tony Garnier, perto do estádio de Leão, no perímetro do bairro Gerland.

O empregado Mr. Jean Masson, é o patrão do pai de Malika, senhor Yahira Cheika e de um de seus filhos, ambos empregados como serventes, e bem entendido, recebendo um salario de fome.

Este « honesto » patrão « alberga » a família : cinco pessoas empilhadas dentro de um local de 11 metros quadrados, sito na extremidade de um abarracamento construído em pedra e cal. Do outro lado da parede, uma outra peça de habitação abriga dois trabalhadores algerinos. O espaço restante : uns cinquenta metros quadrados serve de depósito ao material da empresa. A agua encontra-se a dez metros, no exterior, e para cumulo da pouca sorte, a agua do chafariz estava gelada derivado ao frio.

Já há dez anos a família Cheikh perdeu um filho de 18 meses intoxicado pelas emanções de pintura, um menino de sete meses está actualmente no hospital Debrousse.

Os trabalhadores algerinos que vêm trabalhar em França, deixam o seu pais natal nas mais satisfatórias condições legais, mas infelizmente, sem qualquer garantia de emprego nem de alojamento.

Evidentemente, a responsabilidade incumbe ao governo e patronato francês. Apesar das promessas feitas, quaisquer medidas foram ainda tomadas até agora, que permitam solucionar este problema.

de toda esta situação, mas no que diz respeito aos trabalhadores imigrados que representam 30 % do efectivo total do pessoal da Construção Civil e Obras Publicas, a situação que lhes é imposta, é desumana e intolerável, porque ás dificuldades gerais, vêm juntar-se as duras condições da habitação.

As empresas industriais, contam com os meios técnicos e financeiros necessários para assegurar aos trabalhadores, salários e condições de trabalho decentes, dignos de uma indústria em plena mutação tecnológica e científica e que desempenha um papel de primeira ordem na economia nacional.

Não é sem razões, que os trabalhadores através da sua acção do dia 21 de abril ao apelo das federações C.G.T., C.F.D.T. e F.O. apresentaram como principais reivindicações :

1° Que não hajam salários inferiores a 1.000 F por mês

por 40 horas de trabalho semanais.

2° A reforma aos 60 anos com uma justa remoneração.

3° Um rápido regresso ás 40 horas de trabalho semanais sem diminuição de salário.

4° A aplicação de um sistema de escala-móvel dos salários que garanta o nível de vida e a evolução dos salários.

5° A adaptação dos direitos sindicais ás indústrias da Construção Civil e Obras Publicas e o reconhecimento dos mesmos aos 500.000 trabalhadores imigrados.

6° Uma rede de obras sociais em suficiente qualidade e quantidade em favor dos activos, reformados e suas famílias.

As lutas do 21 de abril, marcaram uma importante etape pela obtenção de um Contrato Colectivo Nacional que corresponda á nossa época e que abarque todas as categorias de trabalhadores franceses e imigrados, do ajudante ao engenheiro.

Continuação da série :

PORQUE A C. G. T.

EIS UM EXEMPLO

Tanto os obreiros da Construção Civil que constroem uma linda residência, como os arquitectos que fazem os seus planos, recebem um salário que lhes é pago pelo proprietário da obra. Mas uma vez terminada a referida residência, esta é vendida por um preço superior à soma total dos salários, taxas, impostos, juros versados aos « financeiros », amortização do material, calculada pelo proprietário e com frequência, duma maneira demasiado ampla. Por consequência, são criados lucros que os trabalhadores raramente conhecem, ou mal.

Estes lucros vão parar às mãos do proprietário, que por sua vez embolsa uma boa parte dos mesmos, enquanto que a outra parte, ele utiliza-a para engrandecer a sua « propriedade » e continuar assim a explorar ainda mais, um maior número de trabalhadores que construirão novas residências, ou outras obras que dizem respeito à (Construção Civil).

Não há dúvida, os novos lucros, derivados dum capital maior, serão também maiores. Mas por maiores que sejam estes lucros, é sempre o proprietário da obra que beneficia dos mesmos, o Estado que apoia inteiramente o dono da obra, ou seja o patronato, beneficia igualmente duma boa parte, e ainda beneficiam através das (taxas e impostos), mas ainda beneficiam os grandes financeiros que ajudam o patronato a construir, que além do capital emprestado, recebem também os juros. Cabe perguntar, e os trabalhadores que tudo produzem, quais são os seus benefícios? conheceis porventura algum proprietário que tenha repartido honestamente os seus lucros com os trabalhadores? tendes por casualidade conhecimento da existência de algum patrão de este género, que reparta voluntariamente os seus lucros com aqueles que os produzem, desde o obreiro até ao arquitecto, se se trata de um assalariado?

A realidade prova-nos que ao contrário, o patrão busca contantemente pôr em causa o nosso já magro salário, para aumentar assim os seus lucros.

Cabe perguntar, em que fundamentos se baseiam as pessoas que pretendem que na França dos nossos dias, « patrões e assalariados » têm interesses comuns?

Por sua parte, a C.G.T. organização de « classe », estima que a realidade, está absolutamente oposta a tais afirmações, e é em consequência que ela orienta a sua acção, fazendo todos os seus possíveis pela defesa dos interesses de todos os assalariados e contra os interesses de todos os patrões, inclusivamente, do Estado disfarçado de patrão.

Por consequência, a C.G.T. trabalha constantemente pela concretização das justas reivindicações da classe operária: melhoria do seu nível de vida, defesa do emprego, reforma, direitos, liberdades e pela paz que nos é indispensável. Enfim, a C.G.T. organização democrática, de massas e de classe, luta por um futuro melhor. Futuro em que todos aqueles que constroem uma residência, não se vejam obrigados a viver num tugúrio ou num bairro da lata, numa sociedade em que desaparecerá a grande residência do milionário assim como o miserável bairro da lata, em benefício da grande maioria do povo, e em primeiro lugar, dos trabalhadores e suas famílias, sem discriminação no que concerne os interesses duma vida colectiva contra os interesses egoístas da « propriedade privada ».

E' esta a razão da existência da C.G.T. e da confiança que os trabalhadores fazem na maior organização sindical francesa.

E' esta a razão pela qual, os trabalhadores franceses e imigrados, unidos como um só homem, se sentem perfeitamente bem na C.G.T., desde da mulher trabalhadora, passando pelas mais diversas profissões até aos trabalhadores da Construção Civil, incluindo o arquitecto assalariado e dede da juventude aos reformados. Se a C.G.T. não existisse, o que felizmente é o caso, seria necessário inventala.

O « patronato proprietário », que é o único a desejar que ela não existisse, para que os seus lucros fossem mais fabulosos, sabe perfeitamente que a presença da C.G.T. é uma realidade. E os trabalhadores conscientes da força que a C.G.T. representa PELA DEFESA DOS INTERESSES DE TODOS OS ASSALARIADOS, não cessarão de utilizar todos os seus esforços para que esta se reforce cada vez mais. Estes lutarão incansavelmente para convencer os seus camaradas que ainda não aderiram à la C.G.T., de que não há tempo a perder.

Jean DURIN,
membro da Secção de organização da C.G.T.

PAZ NA INDOCHINA

Do dia 24 de Abril ao 9 de Maio, ao apelo de 40 organizações, entre as quais a C.G.T., a C.F.D.T., o S.N.E.S. SUP, serão organizadas numerosas manifestações de solidariedade para com os povos da Indochina agredidos pelos Estados Unidos, e de apoio para com as forças da paz que lutam nos próprios Estados Unidos contra a guerra de agressão.

Durante estas duas semanas, serão tomadas multiples iniciativas destinadas a organizar grandes agrupamentos unitários regionais que devem ter lugar no sabado dia 8 ou no domingo 9, particularmente em PARIS, MARSELHA, LYON, MONTLUÇON, TOULOUSE, LORIENT, ANGERS, VICHY, ARCAÇON, LE HAVRE, St-FOIE, etc...

Estes importantes agrupamentos permitir-nos-ão o resen-

ciamento das assinaturas recolhidas em apoio às forças pacíficas americanas e a sua transferência aos parlamentários dos Estados Unidos.

Mas estes momentos, serão igualmente para nós, uma oportunidade de manifestar a nossa solidariedade para com as forças opostas à política de Nixon em Indochina, forças estas que escolheram o fim do mês de Abril e os primeiros dias de Maio, para organizar grandes demonstrações nos próprios Estados Unidos.

EM PARIS, NO DIA 8 DE MAIO AO APELO DE 41 ORGANIZAÇÕES, A POPULAÇÃO PARISIENSE, PARTICIPARÃO NO DESFILE QUE TERÁ LUGAR ÀS 15 HORAS DESDE O PLATEAU BEAUBOURG A NATION.

A LIBERDADE PARA ANGELA DAVIS



O Centro Confederal da Juventude C.G.T., protesta uma vez mais, para que termine, o escandaloso aprisionamento da jovem professora de raça preta, dos Estados Unidos, Angela Davis.

Militante progressista, que, por combater a desigualdade racial, ter denunciado a exploração capitalista, e lutado pela paz, Angela Davis, é considerada no seu país como uma criminosa.

Por ter ousado tomar posição por uma sociedade mais justa e mais humana, respondendo às aspirações do povo Americano, Angela Davis, risca a pena de morte ou a detenção à perpetuidade.

Os jovens trabalhadores e trabalhadoras, não deixarão os agressores dos povos da Indochina, concluir um novo crime.

O « Bureau » do Centro Confederal faz um apelo à juventude trabalhadora de França, para que ela proteste energicamente junto do presidente Nixon, assim como, junto da Embaixada e consulados dos Estados Unidos, para que, se ponha termo à arbitrariedade, e que triunfe as idéas de justiça e de progresso, nos Estados Unidos.

O « Bureau » pede aos jovens de cada oficina ou estabelecimento, de enviar a Angela Davis, cartas e mensagens, exprimindo-lhe o seu apoio e a sua fraternal solidariedade no combate por ela conduzido.

As Comissões, colectivos, e centros de jovens, tomarão todas as disposições necessarias para que se dê a maior eficácia a esta protestação, e fazer de forma que, Angela Davis, receba milhares de mensagens da juventude trabalhadora de França.



JULGAMENTO DO PADRE PINTO DE ANDRADE

Numa declaração dum dos advogados dos 10 acusados de pertencerem ao Movimento Popular de Libertação de Angola, este disse que a sentença seria pronunciada no dia 30 de Março.

Os principais acusados, são o Padre Joaquim de Andrade e Alvaro José de Melo Sequeira Santos de 33 anos, igualmente acusado de pertencer ao Partido Comunista Português.

CENOCIDIO E EXECUÇÕES EM MASSA

Um grupo de especialistas da O.N.U., exprimem a opinião de que a Africa do Sul e a Rodésia, estão cometendo actos de genocídio contra as populações africanas. E que Portugal por sua vez, nos seus territórios ultramarinos, procede à execução massiva de todos os que se opõem ao regime fascista e colonialista.

Por outro lado, a O.N.U., acusa o governo português de utilizar em Angola, difluentes e outros produtos químicos fabricados na Alemanha Ocidental.

AS CRIADAS EM LUTA

Nos Hospitais Civis, através da sua acção, as criadas conseguiram impôr um aumento de salários de 200\$00 por mês, passando assim de 600\$00 para 800\$00 mensais.

Mas além disso, as criadas exigem a sua integração na última alinea dos funcionários públicos a fim de beneficiarem de certas regalias.

A LUTA DOS PESCADORES DE PENICHE

Cerca de 200 pescadores, em sinal de protesto contra a demora da renovação das suas cédulas e a má alimentação fornecida às crianças na escola da Casa dos Pescadores, concentraram-se diante da Capitania.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Nove mil estudantes desta Universidade, fizeram greve durante dois dias a meados de Fevereiro passado para protestar contra a prisão de oito dos seus colegas, presos após uma reunião não autorizada, destinada a protestar contra o julgamento de dez pessoas acusadas de pertencer ao Movimento Popular de Libertação da Angola.

GUERRA QUIMICA

O Presidente do Movimento Popular de Libertação da Angola, Agostinho Neto, enviou no dia 7 de Abril, um abaixo assinado ao Comité de descolonização das nações Unidas, declarando que o exército colonialista português em Angola, pratica a guerra química contra os patriotas angolanos em luta pela libertação da sua pátria.

O referido abaixo assinado, pede às Nações Unidas, uma ajuda em viveres, medicamentos e dinheiro, ao M.P.L.A.

A UTIC DE LISBOA

O pessoal que obteve um aumento de salários de 10 % no fim do ano passado, segundo o compromisso tomado pela Direcção, beneficia de um novo aumento a partir do 1º de Abril.

Após este sucesso, começou a tentar impôr aos trabalhadores um aumento da produção. Mas a esta manobra, ao contrário do que pretendia o patronato, o pessoal respondeu com uma redução da produção.

PELA SEMANA DE 44 HORAS

No PARQUE AERONAUTICO de Alverca, os trabalhadores começaram a reduzir a produção aos sábados pela tarde, para apoiar a sua reivindicação da semana de 44 horas. Inclusivamente, em diversas secções, têm chegado mesmo a paralisar completamente as máquinas.

REPRESSÃO POLICIAL CONTRA OS CAIXEIROS DE LISBOA

A meados do passado mês de Março, três mil caixeiros de Lisboa manifestaram diante da residência do Presidente do Conselho, Marcelo Caetano, para protestar contra a sua decisão referente a uma proposta da Comissão de arbitragem, no sentido de limitar a semana de trabalho a 44 horas.

Marcelo Caetano, recusou-se a reconhecer a citada proposta a decidiu que a semana de trabalho continuaria a ser de 48 horas durante nove meses do ano e de 44 horas, durante os três meses de verão.

O problema concerne 16.000 caixeiros.

A polícia ao serviço de governo fascista e do patronato português, a grediu os manifestantes ferindo várias pessoas.

No dia 19 de Março, o sindicato dos empregados de comercio, distribuiu em Lisboa, um panfleto de solidariedade para com todos os seus membros que decidiram demonstrar disciplinadamente ao Presidente do Conselho, a sua firme resolução de obter a semana de 44 horas.

SIDERURGIA NACIONAL

Para protestar contra o aumento dos transportes, os 700 operários da Siderurgia Nacional, fizeram greve aos transportes dutrés dias.

Face à decisão dos trabalhadores, a Siderurgia Nacional e a empresa de camionagem, viram-se forçadas a negociar entre si e os bilhetes foram reduzidos para metade do preço.

JULGAMENTO DE CINCO ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Nos dias 18 e 28 de Fevereiro ultimos, foram julgados pelo Tribunal de Coimbra, três estudantes e duas estudentas, acusados de injurias contra as autoridades.

Os citados estudantes, foram presos na altura dos incidentes que tiveram lugar na Cidade Universitária no principio do.

O TRABALHADOR
213. rue Lafayette PARIS (10^{me})
BOTzaris 86.50
Imprimerie Lensoise LENS
Travail exécuté par
des ouvriers syndiqués
Directeur de la publication :
Serge CAPPÉ.
Commission paritaire N° 44.113

A C. G. T. EM TODA A PARTE E PARA TODOS